

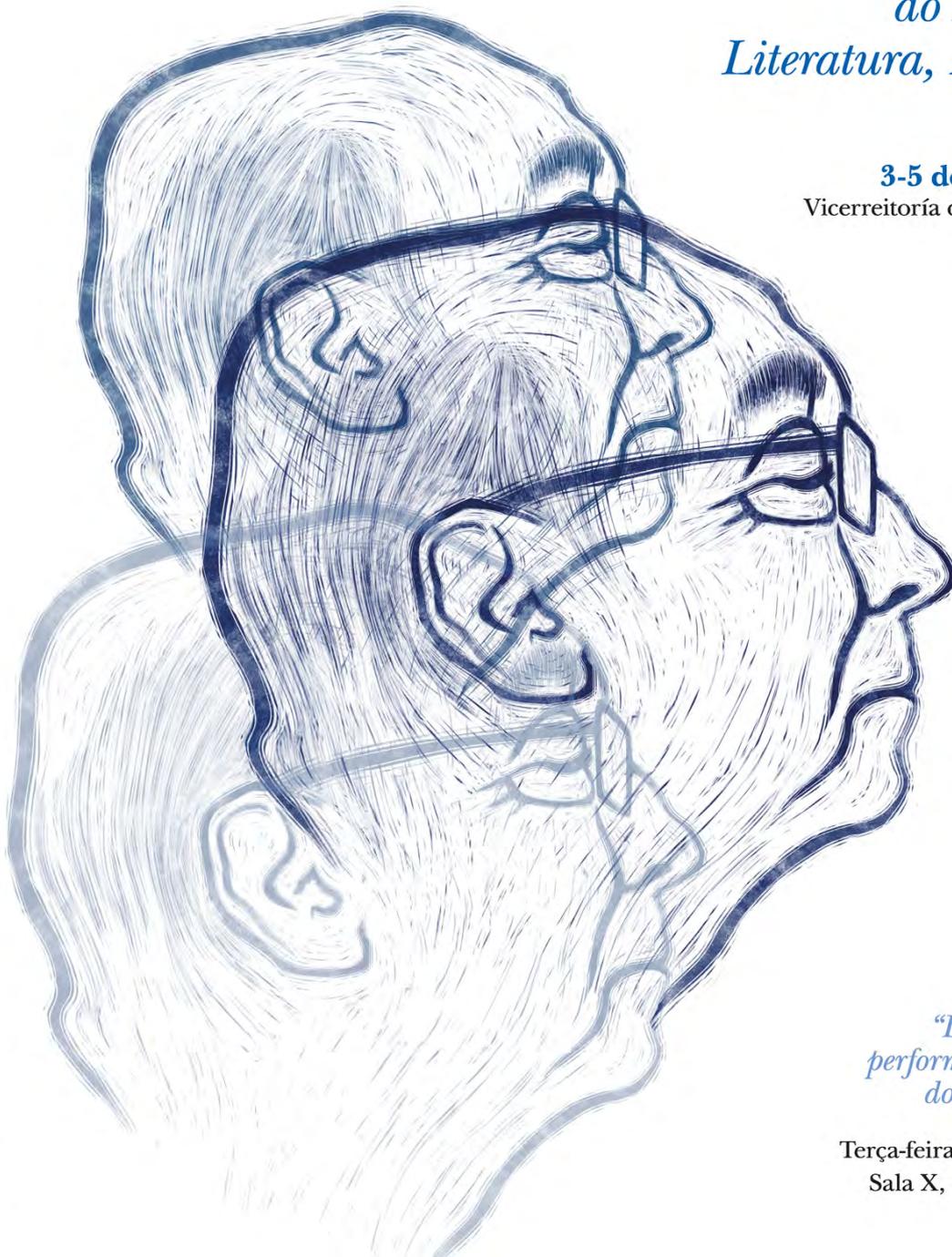
# III JORNADAS

*Internacionais José Saramago*

*Saramago nos 20 anos  
do Prémio Nobel:  
Literatura, Arte e Política*

**3-5 de dezembro de 2018**

Vicerreitoria do *Campus* de Pontevedra  
da Universidade de Vigo  
Casa das Campás  
ENTRADA LIVRE



*“Do poleiro da sombra”  
performance poético-musical  
do grupo Electroplasma*

Terça-feira, **4 de dezembro, 19.00 h**  
Sala X, Faculdade de Belas Artes

[catedrasaramago.webs.uvigo.gal](http://catedrasaramago.webs.uvigo.gal)

Imaxe: Ceis Galeiró, 2018. Faculdade de Belas Artes

Universidade de Vigo

POEPOLIT Faculdade de Belas Artes BiFeGa Departamento de Filoxía Galega e Latina Vicerreitoría de Investigación e Transferencia Vicerreitoría do Campus de Pontevedra Cátedra Internacional José Saramago



## Comité organizador

Alba Vidal Fernández (CJS)

Antía Monteagudo Alonso (Universidade de Vigo/CJS/PoePolit)

Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo/CJS/BiFeGa)

Carlos Nogueira (Universidade de Vigo/CJS/BiFeGa)

Elías González López (Universidade de Vigo/CJS)

Luísa da Costa Pina (CJS)

## Comité científico

Egídia Souto (Université Sorbonne Nouvelle)

Enrique José Varela Álvarez (Universidade de Vigo)

José Chavete Rodríguez (Universidade de Vigo)

José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

Kathrin Saringen (Universität Wien)

Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo (Universidade de São Paulo)

Miguel Alberto Koleff (Universidad Nacional de Córdoba)

Orlando Grossegeisse (Universidade do Minho)

Sol Alonso Romera (Universidade de Vigo)

## Agradecimentos e apoios

Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

Departamento de Filloxía Galega e Latina da Universidade de Vigo

Estudantes e docentes das Facultades de Filloxía e Tradución, de Belas Artes, de Ciencias Sociais e da Comunicación da Universidade de Vigo

Facultade de Belas Artes da Universidade de Vigo

Fundação Eng.º António de Almeida

Fundação José Saramago

Grupo de investigación BiFeGa da Universidade de Vigo

Grupo de investigación Observatorio de Gobernanza G<sup>3</sup> da Universidade de Vigo

Projeto de investigación PoePolit (FFI2016-77584-P, 2016-2019)

Vicerreitoría do Campus de Pontevedra da Universidade de Vigo

Vicerreitoría de Investigación da Universidade de Vigo

Agradecemos especialmente a Gels Caletrío Rubio, que elaborou a imaxe das *III Jornadas* e o *flyer* da exposición “A passarola”; a Tania Sueiro (Área de Imaxe da Uvigo), que desenhou os cartazes das *III Jornadas* e da exposición “O premio Nobel de Saramago na imprensa galega”; e a Juan Gallego, que realizou o cartaz da actuación do grupo Electroplasma.

# III Jornadas Internacionais José Saramago da Universidade de Vigo

*Saramago nos 20 Anos do Prémio Nobel:*

*Literatura, Arte e Política*

3 a 5 de dezembro de 2018

Organizadas pela I Cátedra Internacional José Saramago, as *Jornadas* destinam-se a especialistas de várias áreas do conhecimento, ao público em geral e, em particular, tanto às alunas e aos alunos da Universidade de Vigo como de outras universidades e escolas.

Alunas, alunos e docentes da Universidade de Vigo estão diretamente envolvidos nestas *III Jornadas*, que, a realizar novamente na histórica Casa das Campás no *campus* de Pontevedra, mantém a orientação transdisciplinar da primeira edição: da Filologia, da Filosofia e das Belas-Artes, ao Cinema, à Comunicação e à Política, entre outras disciplinas que possam contribuir para o aprofundamento dos estudos sobre José Saramago. Há, portanto, na matriz destas *Jornadas*, antes de mais, uma componente simultaneamente didática e de cidadania, com as alunas e os alunos da Universidade de Vigo envolvidos na preparação de exposições, na apresentação de comunicações, na execução de performances e na participação nos debates.

Para assinalar os 20 anos da atribuição a José Saramago do Prémio Nobel da Literatura, cujo anúncio ocorreu a 8 de outubro de 1998, as *III Jornadas Internacionais José Saramago da Universidade de Vigo* constituir-se-ão num espaço ainda mais internacional e aberto de debate de ideias sobre a obra e o pensamento de Saramago.

As seguintes palavras de José Saramago, ditas em 1987, resumem bem o espírito e o intuito destas *Jornadas*, que visam contribuir para a divulgação da obra de Saramago junto do público galego (e não só):

*“O ser humano não deve contentar-se com o papel do observador.  
Tem responsabilidade perante o mundo, tem de actuar, intervir.”*

Burghard Baltrusch e Carlos Nogueira  
(Comité executivo da CJS-UVigo)

# EXPOSIÇÃO

III Jornadas Internacionais José Saramago

## *O prémio Nobel de Saramago na imprensa galega*

**3-5 de dezembro de 2018**

Casa das Campás  
Vicerreitoría do Campus de Pontevedra

ENTRADA LIVRE



Universidade de Vigo

POEPOLIT Faculdade de Belas Artes BiFeGa Departamento de Filoxía Galega e Latina Vicerreitoría de Investigación e Transferencia Vicerreitoría do Campus de Pontevedra Cátedra Internacional José Saramago



# Programa de atividades

## Segunda-feira, 3 de dezembro | Casa das Campás

10h30 — Receção e entrega de materiais

11h00 — Abertura

Burghard Baltrusch (Presidente da CJS-UVigo)

Sérgio Letria (Diretor da Fundação José Saramago)

Manuel Morquecho Barral (Director da Área de Dinamización Cultural, Educativa e Integración do Campus de Pontevedra)

Carme Fouces (Concelleira de Educación e Igualdade, Concello de Pontevedra)

Xosé Manuel Baamonde Silva (Decano da Facultade de Ciencias Sociais e da Comunicación)

Silvia García González (Decana da Facultade de Belas Artes)

Mónica Valderrama Santomé (Vicerreitora de Comunicación e Relacións Institucionais)

12h00 — Conferência inaugural:

**“A construção do Saramago político: os primeiros romances”**

Ricardo Duarte (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*)

12h45 — Debate

13h30 — Almoço

15h30 — Conferência:

**“Literatura, política e amor em *Último Caderno de Lanzarote*”**

Manuel Frias Martins (Universidade de Lisboa – CLEPUL)

16h15 — Debate

16h30 — Comunicação:

**“Dialectic in the titles of the five exercises of autobiography in *Manual de Pintura e Caligrafia* by José Saramago”**

Miriam Ringel (Bar-Ilan University, Israel)

17h00 — Debate

17h15 — Café

17h30 — Comunicação:

**“A mulher nos interstícios da trama: análise da construção da personagem feminina em *O conto da ilha desconhecida*”**

Joana Videira Álvarez (Universitat de Barcelona, ADHUC–Centre de Recerca Teoria, Gènere, Sexualitat)

17h00 — Debate

17h15 — Comunicação:

**“*A Jangada de Pedra* como personagem: da consciência de si à construção de um modelo alternativo para a sociedade capitalista”**

Ana Cláudia Cima Henriques (Professora de ELE, Londres)

17h45 — Debate

20h00 — Jantar de confraternização

## Terça-feira, 4 de dezembro | Casa das Campás

9h30 – Mesa “Língua e espaços, poder e resistência em Saramago”:

**“A língua do poder segundo José Saramago”**

Rosaria de Marco (Università Suor Orsola Benincasa, Itália)

**“Formigas que levantam a cabeça como cães: a escrita resistente em *Levantado do chão*, de José Saramago”**

Iarima Nunes Redü (Universidade de São Paulo e Universidade de Lisboa)

**“Monumentos e espaço ficcional: ficções e realidades em *O ano da morte de Ricardo Reis*”**

Stanis David Lacowicz (Universidade Federal do Paraná) e  
Mirielly Ferraça (Universidade Estadual de Campinas)

11h00 — Debate

11h15 — Café

11h45 — Conferência:

**“A morte e as suas intermitências em Raul Brandão e José Saramago”**

Maria João Reynaud (Universidade do Porto – FLUP)

12h30 — Debate

13h30 — Almoço

15h30 — Apresentação de um projeto didático:

**“Lectura crítica de *La balsa de piedra* en el contexto sociopolítico actual del Estado Autonómico”**

Enrique José Varela Álvarez e Celso Cancela Outeda (professores do curso de graduação Dirección e Xestión Pública da Universidade de Vigo e investigadores do Observatorio de Gobernanza G3); Lucía Carrera Gómez, Uxía Deaño Prego, Lorena Durán Baeza, Hugo García Enríquez, Pablo Loureiro Meizoso, Alejandro Virgós Soto (estudantes de Dirección e Xestión Pública)

16h15 — Debate

16h30 — Café

17h00 — Conferência:

**“No início era a palavra: a força da narrativa saramaguiana na construção cinematográfica, a partir de *O Homem Duplicado*”**

Lourdes Pereira (Universitat de les Illes Balears)

17h45 — Debate

19h00 — Atividade cultural na Sala X da Faculdade de Belas Artes:

**“Do poleiro da sombra”**

*Performance* poético-musical do grupo Electroplasma

## Quarta-feira, 5 de dezembro | Casa das Campás

9h30 — Mesa “A construção da personagem em Saramago”:

**“Caim, um herói da post-modernidade”**

José Vieira (Universidade de Coimbra – CLP)

**“A construção do Eu em *Todos os nomes*: uma visão a partir da psicologia narrativa”**

Raquel Sabino (Universidade de Évora)

10h10 — Debate

10h20 — Café

10h45 — Comunicação:

**“Da dimensão poética à metáfora política: a ideia de arquivo na obra *Todos os Nomes*, de José Saramago”**

Marcelo Nogueira de Siqueira (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Arquivo Nacional do Brasil)

11h05 — Debate

11h15 — Comunicação:

**“Estudar Saramago – apresentação de uma nova base de dados”**

Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo — CJS)

11h35 — Debate

11h45 — Comunicação:

**“Resultados alcanzados en la realización de los cortos de animación *El cuento de la isla desconocida* y *Desquite*, ambos basados en los textos originales de José Saramago”**

José Chavete Rodríguez e Sol Alonso Romera (Universidade de Vigo)

12h15 — Debate

12h30 — Mesa: “A receção de Camões e Pessoa em Saramago”

**“Prêmio Nobel da Literatura 1998: A fala de Saramago sobre as vicissitudes de Camões na peça teatral *O que farei com este livro?* (1980)”**

Denise Rocha (Universidade Federal do Ceará)

**“As inquietudes no sentimento do poeta: um estudo sobre o fazer poético em Pessoa e Saramago”**

Beatriz Schneider da Costa (Instituto Federal de Brasília, *Campus* São Sebastião, Brasília)

13h10 — Debate

13h20 — Encerramento

13h30 — Almoço

# Resumos

## Segunda-feira, 3 de dezembro

### “A construção do Saramago político: os primeiros romances”

Ricardo Duarte (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*)

Em 1980, quando publica *Levantado do Chão*, José Saramago é um escritor formado: no estilo, na temática e na ideologia. Mas que percurso fez até se erguer a tamanhos voos? A análise, assente na leitura dos seus dois primeiros romances, *Terra do Pecado*, de 1947, e *Manual de Pintura e Caligrafia*, de 1977, precisa de ser hoje revista à luz de *Clarabóia*, romance de 1953 só publicado postumamente. Em conjunto, as narrativas iniciais de Saramago definem três etapas da sua construção política.

**Luís Ricardo Duarte** é jornalista do *Jornal de Letras, Artes e Ideias* desde 2003. Nasceu em Lisboa, em 1977, e cresceu em Setúbal. Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa licenciou-se em História da Arte, onde foi director do jornal *Os Fazedores de Letras*. Fez formação complementar em Literatura, ainda na FLUL, e em Jornalismo, no CENJOR. Lê para escrever e escreve para ler.

### “Literatura, política e amor em *Último Caderno de Lanzarote*”

Manuel Frias Martins (Universidade de Lisboa, CLEPUL)

Os diários de José Saramago têm no seu interior contributos relevantes para compreendermos não só o quotidiano do homem, mas também muitos dos fundamentos da atitude do escritor face ao mundo. Perdidos na memória digital durante quase vinte anos, os escritos incluídos no recentemente descoberto e publicado *Último caderno de Lanzarote*, alguns deles ensaios completos, ajudam-nos, no entanto, a colocar algumas questões que, não sendo necessariamente novas no sentido de descobertas imprevistas, são mesmo assim questões importantes no que respeita ao cruzamento da literatura com a política e, arrisco agora dizer, à afirmação da espiritualidade do amor como via e modo nuclear de entendimento da vida e da expressão criativa.

**Manuel Frias Martins** é doutorado em Teoria da Literatura, professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador integrado do seu Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL). Entre outros cargos, foi Presidente do Conselho Pedagógico da FLUL e diretor do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Comunicação até à data da sua aposentação em março de 2016. É crítico literário com inúmeras colaborações em jornais, revistas e programas radiofónicos, sendo atualmente Presidente da Associação Portuguesa dos Críticos Literários. Lecionou cursos de curta duração

e proferiu palestras e conferências a convite de instituições académicas da Europa e dos EUA. Para além de ensaios dispersos por atas de congressos e volumes coletivos, é autor dos seguintes livros: *Sombras e Transparências da Literatura* (Imprensa Nacional, Lisboa, 1983), *Herberto Helder. Um Silêncio de Bronze* (1983; 2ª edição revista e aumentada, Nova Vega, 2018), *10 Anos de Poesia em Portugal: 1974-1984 — Leitura de Uma Década* (Editorial Caminho, Lisboa, 1986), *Matéria Negra. Uma Teoria da Literatura e da Crítica Literária* (Edições Cosmos, Lisboa, 1993, 2ª ed. 1995), *As Trevas Inocentes* (Aríon, Lisboa, 2001), *Em Teoria (A Literatura) / In Theory (Literature)*, (Ambar, Porto, 2003), *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago* (Fundação José Saramago, Lisboa, 2014). Traduziu e prefaciou várias obras, destacando-se os poemas longos *L'Allegro* e *Il Penseroso*, de John Milton (Editorial Inquérito, Lisboa, 1987), e *O Cânone Ocidental*, de Harold Bloom (Círculo de Leitores/Temas e Debates, Lisboa, 1997). Em 1994 recebeu o Prémio Pen Clube de Ensaio pelo seu livro *Matéria Negra*. Em 2015 recebeu o Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores ao seu livro *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*. Não escreve poesia nem romances.

### “Dialectic in the titles of the five exercises of autobiography in *Manual de Pintura e Caligrafia* by José Saramago”

Miriam Ringel (Bar-Ilan University, Israel)

*Creio que a nossa biografia está em tudo o que fazemos e dizemos, em todos os gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objecto do chão. É isso que a pintura quer fazer [...]. Uma narrativa de viagem serve tão bem para o efeito como uma autobiografia em boa e devida forma. A questão está em saber lê-la. (MPC p. 149).*

*Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) was the first novel Saramago wrote after 30 years of "silence". The protagonist is a mediocre painter who is fed up with his work and with the upper classes that hired him to paint their portraits, and chooses to replace the painting with writing. But writing, too, is reflective and leaves him in a state of alienation, away from the vibrant life and the meaning that people around him experience. The novel is located historically near the revolution in Portugal on 25 April 1974. In my talk I chose to concentrate on the dialectic in the titles of the five exercises of autobiography that H. (Saramago) is doing in this novel. These five titles followed by the imaginary voyage to Italy treasures give us readers keys to decipher Saramago's perception of the world developed in his later novels. Everything is dialectic; nothing has one dimension, like the Renaissance painting which presents multi-dimensions. A permanent dialectic is a kind of polyphony, existing already in *Manual* and is developed enormously in other books. *Manual* is not an autobiography book just due to the exercises of autobiography, but due to the real contacts with Saramago's life, diffused in this book and upon which he declared in many interviews. It is a journey to the "other" and to the "self". No more the confrontation with the distant Renaissance era, which allows the aesthetic and ethic distance. But the next door's neighbors, the nearby streets, in Lisbon, that for a long time H. tried to ignore, until he met M. and

due to her virtues H. (Saramago) needs to confront with the aesthetic and ethic closeness.

**Miriam Ringel** holds a Ph.D. in Hermeneutics and Cultural Studies and a M.A. in Comparative Literature, Bar-Ilan University, Israel. Dr Ringel was the Head of Literature Studies in Ort – Colleges & Schools for Advanced Technologies & sciences (1991-2007). Book publications: (2016) *Moral Imagination in José Saramago's Work*, Carmel Publishing House, Jerusalem; (2009) *Viagem na Senda das Vozes – A Obra e a Vida de José Saramago*, Carmel Publishing House, Jerusalem; for more publications please see <https://biu.academia.edu/MiriamRingel>.

### **“A mulher nos interstícios da trama: análise da construção da personagem feminina em *O conto da ilha desconhecida*”**

Joana Videira Álvarez (Universitat de Barcelona, ADHUC–Centre de Recerca Teoria, Gènere, Sexualitat)

O conto é, como o definiu Ricardo Piglia nas suas *Teses sobre o conto*, “um relato que encerra um relato secreto”, uma história que conta outra de forma cifrada. O conto funde e condensa a sua materialidade narrativa para que nele caiba outro relato. O relato de Saramago que analisaremos é, também ele, duplo, ao contar em sincronia a história de duas personagens: a de um homem que quer um barco para procurar uma ilha desconhecida e a da mulher que decide acompanhá-lo. Para a compreensão do significado da trama é fundamental — como é costume em Saramago — a personagem feminina da obra. É na figuração da personagem da mulher que reside o relato secreto do conto, a sua pauta e o fundamento que dá o sentido à trama. Enquanto a personagem do homem desencadeia as ações fundamentais para o avanço das peripécias narrativas: pede e consegue o barco, procura tripulação, apaixona-se, sonha; já a personagem da mulher constitui o substrato teórico e o significado intrínseco do conto. Um dos mecanismos mais interessantes na construção textual desta obra é a dimensão narrativa da personagem feminina. Ao nível da figuração da trama, a mulher é um elemento secundário se comparada com a personagem do homem e das sucessivas ações que executa. No entanto, os procedimentos de figuração da personagem feminina fazem dela o elemento fundamental do sentido e significado final da trama. A proposta que apresentamos pretende analisar os mecanismos narrativos da construção das duas personagens centrais do conto a partir do aparente paradoxo no qual uma ausência narrativa (a da mulher) condiciona o destino e a finalidade da narrativa visível (a do homem).

**Joana Videira Álvarez** é licenciada e mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade de Barcelona. É investigadora do Centro de Investigação Teoria, Género e Sexualidade da Universidade de Barcelona, que é também a sede da Cátedra UNESCO Mulheres, Desenvolvimento e Culturas. Atualmente, realiza a sua investigação de doutoramento europeu com uma bolsa atribuída pelo Governo Catalão e a Universidade de Barcelona. A sua investigação centra-se na análise da construção narrativa da violência e do

sofrimento exercidos pelas personagens femininas do romance contemporâneo. Lendo a criação de novos lugares para a agência feminina através das possibilidades de ação e crítica que se abrem no espaço da representação literária da violência em feminino. Cv online: <https://orcid.org/0000-0002-2924-8937>; Universitat de Barcelona: <http://www.ub.edu/adhuc/en/curriculum/joana-videira>.

### **“A *Jangada de Pedra* como personagem: da consciência de si à construção de um modelo alternativo para a sociedade capitalista”**

Ana Cláudia Cima Henriques (Professora de ELE, Londres)

Nesta comunicação, *A Jangada de Pedra* é analisada não como geografia onde decorre a ação, mas como personagem crítica de uma certa forma de vida que se tem vindo a normalizar na Europa capitalista e da qual ela já não quer fazer parte. A Ibéria seria uma pessoa multilinguística, de personalidade complexa, resultado desse contraditório de culturas que a habitam, e que se sente sitiada por forças culturais e ideológicas que ao mesmo tempo que a modelam e constituem, também a asfixiam. Decide atirar-se ao mar e, por vontade própria, vai navegando até uma paragem onde possa construir uma existência mais autêntica e de relações pautadas por uma natureza ética com quem a rodeia. Esta é uma proposta de leitura em que a Península Ibérica seria a metáfora do comportamento da pessoa, que esgotada pela despersonalização do mundo global, se atreve a interferir no que lhe é proposto como definitivo, tornando-se soberana e responsável pelo seu destino. Uma viagem que é transformadora e também símbolo de participação e comprometimento do cidadão na construção de um modelo alternativo que estabeleça as bases de uma democracia real e uma relação mais solidária com o outro. Desta forma, por via da metáfora, Saramago instiga a que os leitores *não se contentem com o espetáculo do mundo*, mas que participem e se comprometam, porque segundo o autor “o maravilhoso da espécie humana é que ela se fez a si mesma, inventou tudo” e nesse sentido, as soluções para o mundo mais justo de que todos necessitamos, estará ao alcance do que nos atrevermos a construir.

**Ana Cláudia Cima Henriques** é Licenciada em Português-Francês via ensino pela Universidade de Aveiro em 2005. Iniciou a sua carreira profissional em Portugal, tendo trabalhado como professora de português no ensino secundário e como formadora em cursos de alfabetização para adultos. Pós-graduou-se em Tecnologias da Informação e da Comunicação pelo Instituto Piaget no Porto e em Gestão Curricular pela Universidade de Aveiro. Paralelamente, estudou Literatura e Cultura Espanhola, também pela Universidade de Aveiro. Mudou-se para os Estados Unidos entre 2012 e 2016, tendo sido responsável pela gestão curricular das disciplinas de Espanhol e de Português. Desenvolveu um currículo para as línguas de acordo com a metodologia *Content Based Instruction* e, sobre esta experiência, publicou em coautoria um capítulo na obra *Learn a Second Language Fast* (Figueiredo, 2017). Desde 2016 que ensina espanhol como língua estrangeira em Londres. Desenvolve unidades curriculares e prepara materiais de apoio ao ensino da língua, usando como principal recurso a literatura infantil. Atraída pela literatura, tem especial interesse na investigação da obra saramaguiana que pretende aprofundar em curso de doutoramento.

## Terça-feira, 4 de dezembro

### “A língua do poder segundo José Saramago”

Rosaria de Marco (Università Suor Orsola Benincasa, Itália)

Em particulares tipos de comunicação (mas, em pequenas quantidades, mesmo em todas as outras), a linguagem é usada para servir, não para significar. Isso determina uma imutabilidade substancial do discurso. A sua retórica é certamente atualizada com frequência: mas são mudanças formais, camadas finas de tinta, para dar a impressão de que tudo mudou (*porque nada muda*, como diz o príncipe de Salina no romance de Tomasi di Lampedusa *Il Gattopardo*). José Saramago parece estar convencido disso. Em toda a sua obra ficcional, ele refletiu profundamente sobre a ordem do discurso, tanto historiográfico como político, focando a sua lupa crítica no Poder. Os seus romances retratam um poder — divino, político, científico — que adota uma língua estrategicamente orientada para garantir-lhe a sua perpetuação. A pesquisa linguística de Saramago, que busca constantemente expressar o inesperado, o novo, o impensável, inverte o seu sentido ao representar as figuras do poder e da política como estando encapsuladas num sistema expressivo essencialmente sempre igual a si mesmo, e conotado pela banalidade do conteúdo e redundância formal. No meu trabalho, analiso as representações linguísticas de poder e política em vários romances, partindo dos do chamado ciclo histórico, aos de cenário religioso, literário, social, com exemplos tirados dos romances: *Ensaio sobre a Lucidez*, *Jangada de Pedra*, *Caim*, *As Intermitências da Morte*, *Ensaio sobre a Cegueira*.

**Rosaria de Marco** é Dottore di ricerca em Letterature Romanze Comparete. Ensina Literatura Portuguesa e Língua Portuguesa na Universidade de Nápoles Suor Orsola Benincasa, onde, desde o ano passado, também ministra um curso sobre telenovelas brasileiras e identidade nacional. Traduziu para o italiano vários contos e poemas portugueses recolhidos em volumes coletivos e os romances *Jornada de África* de Manuel Alegre (*Il Filo*, 2010) e *Enquanto Salazar dormia...* de Domingos Amaral (Cavallo di Ferro, 2013). Publicou várias críticas e artigos, entre os quais: “Della guerra e della malattia. La memoria letteraria contro l’attenuazione della coscienza” (*Estudos Italianos em Portugal*, 2007); “Il passato plurale nelle traduzioni italiane di José Saramago” (*UNIOR*, 2009), “José Saramago, A Viagem do Elefante” (*L’Orientale*, A.I.O.N. sez. Romanza, 2010), “Domingos Bomtempo, S. Il nobel privato” (*Confluenze*, 2011), “La traduzione di un romanzo “icona”. Il caso di *Jornada de África*” (em B. Di Sabato, Pierri (a cura di), *I confini della traduzione*, 2014). Em 2012, publicou o ensaio “Saramagico. Elementi e funzioni del fantastico nel romanzo filosofico di José Saramago” (*ETS*).

## “Formigas que levantam a cabeça como cães: a escrita resistente em *Levantado do chão*, de José Saramago”

Iarima Nunes Redü (Universidade de São Paulo e Universidade de Lisboa)

José Saramago começou a ganhar notoriedade no cenário literário português, tanto de público, quanto de crítica, com o romance *Levantado do chão*, publicado em 1980. Neste romance, que assinala a inauguração do estilo barroco do escritor ribatejano, Saramago narra a sucessão de gerações da família pobre de trabalhadores rurais Mau-Tempo, cujos membros são constantemente roubados de sua dignidade e alienados de seu trabalho, ladeada por lapsos da realidade política e social de Portugal dos séculos XIX e XX. Levando em consideração tanto o estabelecimento da forma saramaguiana de narrar quanto o tema político do romance, temos como objetivo desta comunicação empreender uma leitura de *Levantado do chão* à luz da teorização sobre resistência feita pelo crítico literário brasileiro Alfredo Bosi. Para Bosi (2002, p. 118), resistir é opor força própria a forças alheias, no sentido de um sujeito que apela para uma força de vontade interior a fim de resistir a uma força que lhe é externa. Em narrativas ficcionais, Bosi afirma que a resistência se apresenta de duas maneiras distintas, mas não mutuamente excludentes: a resistência pode se dar como tema; ou a resistência pode ser observada enquanto processo inerente à escrita. Pretendemos demonstrar, nessa comunicação, que *Levantado do chão* é o primeiro romance de Saramago que pode ser lido como uma narrativa de resistência tanto no tema, quanto na construção estilística. Especificamente, desejamos contribuir para a fortuna crítica saramaguiana que tenha como escopo a apreciação política de sua tão rica produção romanesca.

**Iarima Nunes Redü** é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), no Brasil, com projeto de tese intitulado "Um romancista desassossegado diante da história: intertexto histórico e resistência em romances saramaguianos de 1980". Atualmente desempenha atividades no âmbito de seu estágio doutoral como investigadora visitante junto à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). É mestra em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área de Estudos de Literatura e na especialidade de Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas, e graduada no Bacharelado em Letras: Redação e Revisão de Textos do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atua na área de Letras, com ênfase nos seguintes temas: literatura portuguesa contemporânea, literatura e história, intertextualidade e literatura comparada.

## **“Monumentos e espaço ficcional: ficções e realidades em *O ano da morte de Ricardo Reis*”**

Stanis David Lacowicz (Universidade Federal do Paraná)

Mirielly Ferraça (Universidade Estadual de Campinas)

Em *O ano da morte de Ricardo Reis*, Saramago reconstrói a Lisboa de 1936 e 1937, período conturbado politicamente na Península Ibérica, por conta da Guerra Civil Espanhola, e também em toda a Europa, pela expansão do poder Nazista no continente, além de compreender os anos iniciais da ditadura de Salazar. Essa recriação do espaço real se dá em consonância com a ficcionalização de Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, que voltava para Portugal após 17 anos vivendo no Rio de Janeiro, retorno em certa medida motivado pela recente morte de Pessoa, de quem era amigo. Nesse processo, o romance propõe uma reflexão sobre questões como a relação entre arte e sociedade, bem como a maneira como a realidade se constitui a partir dos discursos. Nesse trabalho, buscaremos analisar a forma como, por meio da trajetória e perspectiva de Ricardo Reis, se dá a construção do espaço no romance, por meio de um entrelaçamento de referências literárias e históricas. Esse entrecruzar, que produz literariamente o espaço de maneira palimpsestica, pode ser percebido na relação que o protagonista estabelece na obra com os monumentos, como a Estátua de Camões. O monumento pode ser considerado como um lugar de memória (Nora, 1993), reencenado na literatura a fim de mobilizar as redes de sentidos que se projetam a partir desse objeto, dentre os quais aqueles que o fazem participar de um discurso fundador, no caso, da tradição literária portuguesa. Para esse estudo, partimos de Robin (2016), Brandão (2013), Hutcheon (1991) e Bakhtin (1987).

**Stanis David Lacowicz** é doutorando em Letras, área “Estudos literários”, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), bolsista Capes/PROEX; membro do grupo de pesquisa “Estudos de ficção histórica no Brasil”; mestre em Letras (área “Literatura e vida social”) pela UNESP, *campus* de Assis. Publicou o livro, decorrente da dissertação de mestrado, intitulado “Mitos hispânicos no romance histórico brasileiro: uma leitura de *O Chalaça* (1994) e *O feitiço da ilha do Pavão* (1997)” (2013), pelo selo Cultura Acadêmica, da Editora UNESP.

**Mirielly Ferraça** é doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, bolsista CAPES. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - Cascavel), na linha de pesquisa “Interdiscurso: práticas culturais e Ideológicas”, com bolsa CAPES. Graduada em Letras Português Italiano pela UNIOESTE (2006/2009) e jornalista formada pela Universidade Paranaense (UNIPAR - 2006/2009).

## **“A morte e as suas intermitências em Raul Brandão e José Saramago”**

Maria João Reynaud (Universidade do Porto-FLUP)

José Saramago (1922-2010) é um dos grandes herdeiros de Raul Brandão (1867-1930), pela leitura atentíssima que fez das suas Memórias e da sua ficção. A

morte é um tema absolutamente central em ambos os escritores, ora escondendo-se atrás de múltiplas máscaras ficcionais, ora instalando-se no centro da ficção, sem quaisquer subterfúgios. É isso que acontece no *Húmus*, de Raul Brandão, e em *As Intermittências da Morte*, de José Saramago, dois romances singulares que nos propomos confrontar para descobrir o que os une e separa considerando a situação do homem face a Deus, ao mundo e a ele próprio.

**Maria João Reynaud** é professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde exerceu atividade docente durante quase quatro décadas. A sua tese de doutoramento, sobre as versões de *Húmus*, de Raul Brandão (1997), marcou a sua investigação sobre um autor que lhe tem merecido um grande número de trabalhos científicos, além de lhe ter consagrado um curso de pós-graduação e vários seminários na FLUP. Foi regente, durante dezoito anos, da disciplina de Literatura Portuguesa (séculos XIX e XX) e responsável por várias disciplinas de Mestrado (Caminhos da Poesia Portuguesa Contemporânea: do Modernismo ao Pós-Modernismo; Poéticas Finisseculare – séculos XIX e XX). A sua Lição Pública de Agregação («Poesia: Lugar de Doação – Sobre a obra poética de Fernando Guimarães», 2004) publicou-se na *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas* (II Série, Vol. XXII, Porto, 2005). Foi proponente e diretora do *Doutoramento em Crítica Textual e Crítica Genética*. Atualmente, tem um contrato com a FLUP como docente aposentada do DEPER, lecionando aulas de doutoramento. É investigadora do CITCEM. Integrou o Júri do Prémio Camões nos anos de 2017 e 2018. Tem uma vasta produção ensaística e crítica em publicações científicas e em revistas literárias nacionais e estrangeiras. Tem publicado poesia e literatura para a infância.

### “Lectura crítica de *La balsa de piedra* en el contexto sociopolítico actual del Estado Autonómico”

Enrique José Varela Álvarez e Celso Cancela Outeda (professores do curso de graduação Dirección e Xestión Pública da Universidade de Vigo e investigadores do Observatorio de Gobernanza G3); Lucía Carrera Gómez, Uxía Deaño Prego, Lorena Durán Baeza, Hugo García Enríquez, Pablo Loureiro Meizoso, Alejandro Virgós Soto (estudantes de Dirección e Xestión Pública).

Presentación de la actividad Club de Lectura José Saramago de las materias de Ciencia Política I: Ciencia Política y Ciencia Política II: Fundamentos de Ciencia de la Administración. El objetivo del Club de Lectura José Saramago consiste en la participación académica en una sesión de una hora, en la que se realiza una lectura crítica del libro del Premio Nobel José Saramago, *La Balsa de Piedra*, y un debate en relación con el contexto sociopolítico que vive el Estado Autonómico en el marco del 40 aniversario de la Constitución Española.

**Enrique José Varela Álvarez** é licenciado em Ciências Políticas e Sociologia pela Universidad Complutense de Madrid e doutor em Gobierno y Administración Pública pelo Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset de Madrid. Na atualidade exerce como professor contratado doutor na área de Ciência Política e da Administração da Universidade de Vigo, nomeadamente no curso de graduação em Dirección e Xestión Pública e no Máster on

*line* en Dirección Pública e Liderato Institucional na Facultade de Ciencias Sociais e da Comunicación. É coordinador académico e investigador do Observatorio de Gobernanza G<sup>3</sup> e forma parte de diferentes grupos de investigación espanhóis, portugueses e latino-americanos (RECFronteras, México; NEAPP, UMINHO, Portugal; GIGAPP, UIIOG, Madrid). A sua investigação centra-se na gestão e serviços públicos, como também no âmbito dos governos locais e transfronteiriços, sobre os quais publicou extensamente; alguns estudos podem ser consultados em

<http://webdex11.webs.uvigo.es/index.php/gl/component/content/article/48.html> e em <http://www.meubook.com/pg/profile/observatoriodegobernanza>.

**Celso Cancela Outeda** é doutor em Direito e licenciado em Ciências Políticas e da Administração pela Universidade de Santiago de Compostela. É professor titular de Ciência Política e da Administração na Universidade de Vigo, formando parte do grupo investigação Observatorio de Gobernanza G<sup>3</sup>. Exerce docência no curso de graduação em Dirección e Xestión Pública e no Máster on line en Dirección Pública e Liderato Institucional na Facultade de Ciencias Sociais e da Comunicación da Universidade de Vigo. Também tem sido o responsável da Cátedra Jean Monnet “Understanding the EU in the 21st century”, concedida pela Comissão Europeia no período 2014-2017.

### **“No início era a palavra: a força da narrativa saramaguiana na construção cinematográfica, a partir de *O Homem Duplicado*”**

Lourdes Pereira (Universitat de les Illes Balears)

As obras de José Saramago alimentam uma relação entre Literatura e cinema de uma forma bastante íntima. Uma leitura de *O Homem Duplicado* em diálogo com o filme homónimo, realizado por Denis Villeneuve, pode ajudar-nos a explorar melhor essa relação. Sem nos centrarmos no trabalho técnico que as adaptações exigem, e enquanto leitores de José Saramago, o que pretendemos é entender o poder de sedução, e até mesmo de provocação, que a palavra escrita exerce sobre a sétima arte. Uma relação que só pode ser entendida a partir da força e da contundência da palavra saramaguiana, e que se alimenta de uma evidente cumplicidade por parte do autor do Nobel, sempre em pró de uma atitude simultaneamente estética e ética.

**Maria de Lourdes Pereira** é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutorada pela Universitat de les Illes Balears com uma tese sobre as relações literárias e culturais entre Portugal e Espanha (*Antero de Quental y la Generación del 70 en el diálogo peninsular*). Como docente da UIB de língua, literatura e cultura portuguesas, tem dividido o seu interesse entre a literatura e a língua, com atenção especial para o ensino de Português a estrangeiros. Além da publicação de materiais didáticos de PLE, tem centrado o seu trabalho nos períodos e autores que configuram uma etapa que se inicia com as gerações da segunda metade do século XIX até à contemporaneidade.

**D O P O L E I R O D A  
S O M B R A E L E C T  
R O P L A S M A P E R  
F O R M A N C E P O É  
T I C O M U S I C A L  
4 D E Z E M B R O S A  
L A X F A C U L D A D  
E D E B E L A S A R T  
E S D E P O N T E V E  
D R A 1 9 H E N T R A  
D A L I V R E I I I J O  
R N A D A S I N T E R  
N A C I O N A I S J O  
S É S A R A M A G O**

**electroplax**

## “Do poleiro da sombra”

### *Performance* poético-musical

Terça-feira, 19h00, Sala X, Faculdade de Belas Artes, entrada livre.

Electroplasma (Vigo/Porto)

*Se tudo a vãs palavras se reduz  
E com elas me tapo a retirada,  
Do poleiro da sombra nego a luz  
Como a canção se nega embalsamada.*

José Saramago

“Do poleiro da sombra” é uma *performance* poético-musical (e visual) em que o grupo Electroplasma propõe um roteiro cósmico sobre a obra de José Saramago em conversa fiada com a poesia lusófona e mesmo universal, nomeadamente com aqueles autores e autoras da Galiza mais próximos da sua constelação literária e da sua atitude ética. Se nos acompanharem nesta passagem, durante uns 60 minutos seremos astronautas a percorrer o universo do Nobel: da Quinta da Broa à Sierra Madre de Chiapas, da faixa de Gaza ao Bundesbank, do Charco Verde e o Timanfaya à sombra das azinheiras sem idade. Para esta travessia apenas precisam bagagem: vontade de nos encontrarmos e paixão para vivermos na dissidência e no improvisado.

**Electroplasma** é um grupo composto por **Xurxo Nóvoa** (Vigo, Galiza), poeta, *performer* e fundador do projeto Guilherme e Bastardo, e o conceituado músico **Alexandre Soares** (Porto, Portugal) um dos fundadores de GNR e de outras bandas míticas da cena portuguesa como Três Tristes Tigres ou Osso Vaidoso. **Electroplasma** define-se como um local itinerante onde se misturam a poesia, a música experimental e o teatro, e onde a improvisação é sinal de identidade. As suas letras falam da incomunicação que provocam as novas tecnologias (*Psicopatas*), a ameaça do fascismo e o papel dxs criadorxs no mundo contemporâneo (*Falabarato*), a construção das novas identidades de género (*Doutora Hyde*), o pessoal como político (*Campos magnéticos*) ou a fraude que nos vendem como crise (*O assalto*). Também fazem versões de poetas africanxs, galegxs, portuguesxs e brasileirxs: Xela Arias, Celso Emilio Ferreiro, Rosalía de Castro, Xelís de Toro, Marcio-André, José Craveirinha, Angélica Freitas, Fernando Pessoa, José Saramago, etc. **Electroplasma** propõe um espetáculo ao vivo de poesia, música experimental e *performance*, criado com voz, guitarra elétrica, sintetizadores e vídeo. Gostam de tocar em qualquer espaço do planeta Terra e arredores que lhes permita sentir, divertir(-se) e ter um contacto emocional com as pessoas presentes.

Página web: [www.facebook.com/Electroplasma-1569213053381000/](http://www.facebook.com/Electroplasma-1569213053381000/).

Soundcloud: <https://soundcloud.com/electroplasmabanda>.

Canal de Youtube: [www.youtube.com/channel/UC7xfgeL5YM-F4zBRvAOd-NQ](http://www.youtube.com/channel/UC7xfgeL5YM-F4zBRvAOd-NQ).

Contacto: [el3ctroplasma@gmail.com](mailto:el3ctroplasma@gmail.com).

## Quarta-feira, 5 de dezembro

### “Caim, um herói da post-modernidade”

José Vieira (Universidade de Coimbra-CLP)

Fazendo parte de um ciclo de romances que Ana Paula Arnaut define como “romances fábula”, *Caim* é a última obra de Saramago publicada em vida do autor. Esta comunicação tem como objetivo analisar as personagens Deus e Caim no romance de José Saramago. Partindo da refiguração da personagem, e seguindo certos preceitos post-modernistas, José Saramago apresenta um outro Caim que surge em vários episódios bíblicos, extravasando, portanto, a narrativa de origem. Resgatando Caim do *Génesis*, Saramago colocará na sua personagem a tónica da reflexão e relativização do poder de Deus, pondo em causa todos os princípios até então aceites, seguindo, uma vez mais, os preceitos do Post-Modernismo que deslegitimam as grandes narrativas, Lyotard *dixit*. O Caim retratado por José Saramago não parece ser um pecador, surge-nos, antes, como um errante, perdido, pois foi amaldiçoado por Deus não só pela marca que tem na testa como também pelo modo como o enfrentou, de uma forma destemida, corajosa, questionando-o e questionando-se. Assim, o nosso objetivo será demonstrar como, a partir de certos episódios, este novo Caim se torna num herói post-moderno, realçando a palavra e a voz como arma a utilizar contra poderes instituídos e arbitrários.

**José Vieira** é licenciado em Línguas Modernas Português-Francês e mestre em Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, com a dissertação *Bernardo Soares-p(P)essoa de livro e livros de P(p)essoa*, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Atualmente é aluno de doutoramento do mesmo curso de Literatura. É membro do projeto de investigação coordenado pelo professor doutor Carlos Reis, Figuras da Ficção, do Centro de Literatura Portuguesa, fazendo parte da comissão de redação do *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*, (<http://dp.uc.pt/apresentacao/dicionario-depersonagens-da-ficcao-portuguesa>). Foi membro da comissão executiva do *Congresso Internacional Língua Portuguesa: Uma Língua de Futuro*, que encerrou as comemorações dos 725 anos da Universidade de Coimbra, de 2 a 4 de dezembro de 2015. É bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), com a referência FRH/BD/129166/2017. Ganhou o 1º Prémio das Jornadas do Mar 2016 “Novos Rumos, Novos Desafios”, que decorreram na Escola Naval de Lisboa, de 8 a 11 de novembro de 2016, na área de História e Literatura, com a comunicação “A Ode Marítima como canto do cisne do mar português”.

### “A construção do Eu em *Todos os nomes*: uma visão a partir da psicologia narrativa”

Raquel Sabino (Universidade de Évora)

Em *Todos os nomes*, José Saramago conta-nos a busca de um funcionário, apresentado liminarmente como Sr. José, pela mulher desconhecida, no que afinal se

revela ser uma descoberta de si. Esta procura leva o Sr. José à construção de significado e conseqüente organização da sua narrativa pessoal, através da atribuição de sentido a cada uma das experiências que vivencia. Nesta análise propomo-nos a identificar as marcas do processo de construção do Eu e interpretá-las à luz dos contributos da psicologia narrativa, do construtivismo e do construtivismo social, que pressupõem que o desenvolvimento do indivíduo se processa através da sua interação com o ambiente e com o Outro. Esta relação é desde logo evidente na epígrafe do livro “Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens”, que, invocando o princípio socrático de *Conhece-te a ti mesmo*, impulsiona a procura pelo autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal. O Sr. José tenta construir a narrativa da mulher, com o intuito de ir além do seu nome e do que consta no seu registo, atribuindo-lhe importância e, de certo modo, humanizando-a. É nesta exploração da história do Outro, que o próprio significa a sua narrativa e se transforma, numa evolução quase palpável ao longo do livro. O Sr. José, que conhecemos quase como uma personificação da desmemória e da despersonalização, retratada até pelo seu nome, igual a tantos outros, desenvolve-se e transforma-se no processo de procura, visto que, nas palavras de Saramago, “o que dá verdadeiro sentido ao encontro é a busca”, notando-se no protagonista que “sem que a estatística se pudesse aperceber da mudança, essa vida passou a ser outra vida, e outra pessoa essa pessoa”.

**Raquel Sabino** é licenciada em Psicologia pela Universidade de Évora e mestre em Psicologia da Educação pela mesma instituição. Apresentou recentemente a comunicação “Estar mais e andar menos: a experiência do medievo na *Viagem a Portugal* de José Saramago” no *Congresso Internacional “José Saramago: vinte anos com o prémio Nobel”* em Coimbra.

### **“Da dimensão poética à metáfora política: a ideia de arquivo na obra *Todos os Nomes*, de José Saramago”**

Marcelo Nogueira de Siqueira (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Arquivo Nacional do Brasil)

*Todos os Nomes*, romance publicado em 1997, tem no arquivo da Conservatória do Registro Civil o elemento básico da trama alegórica proposta pelo autor, em que a busca por uma mulher desconhecida conduz o protagonista para um labirinto de informações em universos públicos e privados, pessoais e coletivos. Saramago escreveu esta obra a partir de experiências pessoais em arquivos. Esta comunicação procura estabelecer paralelos entre as alegorias saramaguianas, típicas da fase autoral em que o livro foi escrito, com os aspectos burocráticos e sistêmicos da informação, apontando os elementos contextuais da história, suas características sociais e refletindo sobre o papel dos arquivos como guardião e mediador da informação nas sociedades contemporâneas. “A metáfora sempre foi a melhor forma de explicar as coisas”, indica Saramago nas páginas finais da história e é através de

suas metáforas que delineamos as dimensões poéticas e políticas do arquivo, compreendendo suas dinâmicas, usos e possibilidades.

**Marcelo Nogueira de Siqueira** é professor do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, arquivista do Arquivo Nacional (Brasil) e membro do Conselho Nacional de Arquivos (Brasil). Bacharel em Arquivologia (UNIRIO), mestre em História Social (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e doutorando em Ciência da Informação (Universidade de Coimbra). Possui diversas publicações nas áreas de Arquivologia e História.

### “Estudar Saramago – apresentação de uma nova base de dados”

Burghard Baltrusch (Universidade de Vigo — CJS)

Apresenta-se um projeto bibliográfico sobre José Saramago, que visa reunir a totalidade da literatura ativa e passiva, mas também entrevistas, adaptações cinematográficas e teatrais, documentos audiovisuais, entre muitos outros documentos e testemunhos. Esta base de dados, que já conta com 1398 entradas, sendo a mais ampla disponível neste momento, ainda está em construção mas já pode ser consultada pelo público em geral. Esta comunicação oferece uma introdução geral ao projeto, à própria base de dados e às suas principais utilidades.

**Burghard Baltrusch** é professor de Literaturas Lusófonas e presidente da I Cátedra Internacional José Saramago na Universidade de Vigo. É investigador principal do grupo BiFeGa-GAELT da mesma universidade, onde desenvolve projectos sobre as obras de Fernando Pessoa e José Saramago, a poesia atual e a teoria da tradução. Coordena atualmente o projeto “Poesía actual y política” (POEPOLIT, FFI2016-77584-P), financiado pelo Ministério de Economia e Competitividade da Espanha. Foi presidente da Asociación Internacional de Estudos Galegos, coordenou vários programas de doutoramento e congressos internacionais. Entre outros livros, publicou ou (co)editou *Bewußtsein und Erzählungen der Moderne im Werk Fernando Pessoa* (Peter Lang, 1997), *Kritisches Lexikon der Romanischen Gegenwartsliteraturen* (5 vols., coed. com W.-D. Lange et al., G. Narr-Verlag, 1999), *Non-Lyric Discourses in Contemporary Poetry* (coed. com I. Lourido, Peter Lang, 2012), *Lupe Gómez: libre e estranxeira - Estudos e traducións* (Frank & Timme, 2013), *“O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia” - Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago* (Frank & Timme, 2014). Mais publicações em <https://uvigo.academia.edu/BurghardBaltrusch>.

## "Resultados alcanzados en la realización de los cortos de animación *O Conto da Ilha Desconhecida* y *Desquite*, ambos basados en los textos originales de José Saramago"

José Chavete Rodríguez e Sol Alonso Romera ("Máster en libro ilustrado e animación audiovisual", Universidade de Vigo)

Esta comunicación describe el proceso seguido hasta el momento con los textos de *La isla desconocida* y *Desquite* de José Saramago en relación a su transformación en cortos de animación en el contexto del "Máster en libro ilustrado e animación audiovisual". Se pasará un pequeño trailer de *La isla desconocida* y se mostrarán imágenes variadas de ambos proyectos.

**José Chavete Rodríguez** es licenciado y doctor en Bellas Artes por la Universidad del País Vasco. Ha sido profesor titular de universidad en la UPV y actualmente es catedrático de universidad en la Universidad de Vigo dentro del área de Pintura. Ha sido Vicedecano de Planificación en la Facultad de Bellas Artes de Universidad del País Vasco y Director del Departamento de Expresión Artística, Vicedecano, Decano y Director del Departamento de Pintura en la Universidad de Vigo. Durante los últimos veinte años ha impartido cursos de doctorado y dirigido una decena de tesis doctorales compaginando esta labor docente con la investigación artística y exposiciones de escultura y pintura. Actualmente es el coordinador del Máster en Libro Ilustrado y Animación Audiovisual. Dentro de la actividad relacionada con el Álbum Ilustrado y la Animación cabe destacar la ilustración del libro *A Filla das ondas*, editado en 1999 por Kalandraka y reeditado en el 2003, y las películas de animación: *El viaje de las mariposas* (dirección, pintura y montaje) y *Corre, corre, cabaziña* (dirección artística y pinturas) de la colección Contos do Camino- OQO Films 2008 y 2013 respectivamente.

**Sol Alonso Romera** es profesora titular del Departamento de Dibujo de la Universidad de Vigo, con docencia en Materias Audiovisuales y Videocreación, dentro de asignaturas del Grado en Bellas Artes y del Máster Universitario en Libro Ilustrado y Animación Audiovisual. Pertenece al Proyecto "Resistencia" desde 2002, actualmente insertado en el grupo de investigación MODO (Uvigo) y cuenta con obra relacionada con soportes audiovisuales y videoinstalación. Exposiciones: Film/Video, Centrum Sztuki Wspólczesne Zamek Ujazdowski, Varsovia-Polonia, 2003; "Miedo Commonplace", XII Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira, Museo de la Bienal, 2003; "Resistencia y Materialización", Sala de Exposiciones UPV/EHU, Bilbao, 2010; "Materialización", Sala Fundación Laxeiro, Vigo, 2011. Comisariado: "Grafos y Matemas", XIV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira. Museo de la Bienal, Portugal, 2007. Publicaciones: *Resistir la Materia. Resistance, matter and artwork*. "Ver-arte". 2012. Ed. ES1. Universidad de Vigo; *Neste universo: Um rumor simultâneo. In this universe: a simultaneous rumor*. Ed. Centro de Memória De Vila Do Conde. Portugal, 2014.

## "Prêmio Nobel da Literatura 1998: A fala de Saramago sobre as vicissitudes de Camões na peça teatral *Que farei com este livro?* (1980)"

Denise Rocha (Universidade Federal do Ceará)

O objetivo desta comunicação é analisar a peça teatral *Que farei com este livro?* (1980), de Saramago, que aborda os dilemas de Luís Vaz de Camões (c. 1524-1580), nos anos 1570 a 1572, retornado paupérrimo, depois de 17 anos de uma estadia turbulenta em Goa, Macau e Moçambique, a Portugal, com interesse vital em

publicar seu poema épico *Os Lusíadas*. Nesta época de contaminação pela peste, Portugal estava envolto em dois graves problemas: 1- nos perigosos e nocivos estratagemas de controle do Santo Tribunal da Inquisição que ameaçava vidas e mentes, e 2- no perigo de ser anexado à Castela, caso a sucessão da monarquia lusa não fosse assegurada com o casamento de D. Sebastião (1554-1578), jovem de 16 anos. A corte estava imersa em três núcleos de poder, imersos em intrigas ao redor do comportamento radical do jovem monarca: o poder intenso dos irmãos Gonçalves da Câmara, o jesuíta Luís, confessor real, e Martim, Secretário de Estado; o poder esmaecido do Cardeal D. Henrique e de D. Catarina de Áustria, viúva de D. João III, e avó do rapaz coroado; e o poder mediano crescente dos amigos e fidalgos do governante adolescente, de um lado, dedicado aos folguedos de montaria e de esgrima e, de outro, manipulado e preocupado com os preparativos da expansão portuguesa no norte da África muçulmana, para uma guerra santa, sem ter um exército preparado para batalhas em territórios estrangeiros. O Cardeal D. Henrique expressa-se para D. Catarina sobre um dilema preocupante: “A mim mesmo pergunto quem governa realmente o reino. El-Rei D. Sebastião, ou o desvario daqueles que o arrastam. Adulando-o. Ou será el-rei o cego e transviado?”. Neste ambiente de alienações, radicalismos e preocupações, Camões peregrina por várias instâncias para tentar a impressão de sua obra prima e esbarra em desinteresses: o de D. Sebastião, a quem ela é dedicada, e o do Conde de Vidigueira, neto de Vasco da Gama, cuja memorável viagem às Índias (1498 e 1499) é eternizada no poema épico *Os Lusíadas*. Ainda é confrontado com o dominicano, Frei Bartolomeu Ferreira, censor, que aceita a publicação com modificações substanciais. A análise será baseada no papel da Inquisição na publicação de livros, com reflexões sobre a liberdade de pensamento, de expressão e de estilo de um escritor em épocas de censura.

**Denise Rocha** possui formação em Magistério, graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis/SP; é Magister Artium em História na Ruprecht-Karls-Universität Heidelberg, e doutorada em Letras — Literatura e Vida Social (2005), pela UNESP, *campus* de Assis. Foi orientadora no curso de especialização em Educação para as Relações Étnico-Raciais, do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professora visitante da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Foi pesquisadora de pós-doutorado em literatura angolana (2013-2014) no Programa de Pós-Graduação em Letras Estudos Literários, do Centro de Letras e Ciências Humanas (UEL). Desde julho de 2015, participa do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (Bolsa CAPES), no qual ministra disciplinas da área de Literaturas de Língua Portuguesa na pós-graduação e realiza pesquisa sobre literatura moçambicana. Participa do Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidades (NPGS) da Unilab, na qual atua na área da educação internacional, regional e inclusiva, como professora colaboradora e coordenadora do projeto de extensão CULTURA DE MATRIZ AFRICANA: Capoeira e danças na comunidade, em parceria com a Fundação Axé-Dendê de Guaiúba/CE e com a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes de Redenção. Foi coordenadora do projeto de extensão ECOS DA ÁFRICA NO CEARÁ: Capoeira na comunidade (Redenção, Antônio Diogo e Guaiúba) na UNILAB e realizou

uma estadia em Maputo, Moçambique, em julho/agosto de 2016 (Bolsa de Pós-Doutorado CAPES). <http://lattes.cnpq.br/2543558632930157>.

### **“As inquietudes no sentimento do poeta: um estudo sobre o fazer poético em Pessoa e Saramago”**

Beatriz Schneider da Costa (Instituto Federal de Brasília, *Campus* São Sebastião)

Esta comunicação tem por objetivo debater as produções poéticas de Fernando Pessoa e José Saramago, fomentando o diálogo entre elas, a fim de compreender os aspectos principais que fundamentam a poética desses importantes poetas portugueses. Esta apresentação consiste na análise dos poemas “Liberdade” (1935), “Adiamento” (1928) e “Não sei. Falta-me um sentido, um tacto” (1917) de Fernando Pessoa; e “Não me peçam razões...” (1997), “Lama, detrito, entulho, lixo” (1998) e “Ao inferno, senhores” (1998), de José Saramago, nos quais encontram-se relações de proximidade e de distanciamento na busca por determinar a necessária articulação entre a peculiaridade do estético e sua íntima conjugação com a vida social na modernidade. A fim de analisar a obra de tão importantes escritores, a metodologia dessa pesquisa esteve embasada no olhar do eu-lírico em cada poema, deixando-se guiar por suas determinações, para, a partir da captação dessa perspectiva ao mesmo tempo subjetiva e objetivada, captar a essência da vida humana ali transfigurada. Buscou-se relacionar cada poema analisado às categorias expostas na poética de forma geral, buscando acompanhar as bases de formulação da estrutura literária e de sua íntima relação com a vida social na modernidade, a partir dos teóricos Theodor W. Adorno (2012), Hugo Friedrich (1978) e Alfredo Bosi (2000). Sob esta perspectiva, verificou-se como a produção lírica de Fernando Pessoa e de José Saramago concentra os aspectos centrais da construção do indivíduo solitário, ao trazer, por meio de espaços cada vez mais aparentemente caóticos, um “eu” que parece se perder nesse cosmos, mas, contraditoriamente parece se formar, ao mesmo tempo, um mundo que se estrutura, pois o poema passa a organizar a história humana ali capturada, permitindo a cada poema imprimir uma forma à experiência da realidade.

**Beatriz Schneider da Costa**, graduação em Letras (Português) no Instituto Federal de Brasília. Tabalhou como estagiária redatora na Presidência da República do Brasil, foi monitora de Leitura e Produção de Texto no Instituto Federal de Brasília, participou do projeto “Contaçõ de Histórias” e escreveu um Projeto Científico intitulado “O oco existencial ou a busca pelo sentido humano: relações entre poesia e história na poética de Fernando Pessoa (de 1915 a 1935)”. Atualmente trabalha na finalizaçõ de uma monografia com foco em Fernando Pessoa e José Saramago.

## Exposições

A CJS realiza, em colaboração com estudantes e docentes da Faculdade de Belas Artes da UVigo, e com o apoio da Fundação José Saramago e do Camões, I.P., três exposições ao longo das *III Jornadas Internacionais José Saramago*, que podem ser visitadas nas instalações da Casa das Campás, Vicerreitoria do Campus de Pontevedra da Universidade de Vigo do 3 ao 5 de dezembro de 2018.

Horário de abertura: 9h00-20h30. Entrada livre.

### “A passarola”

Hall de entrada.

Cinco obras de animação audiovisual que constituem representações e adaptações livres da passarola de *Memorial do Convento*, de José Saramago realizados por María Abal Blanco / Ruth Pérez Rodríguez; Laura Carrillo Neira / Bianca Anton Mihaela; Andrea Alonso Casado / Gels Caletrío Rubio / Sarah Espinosa / Yvonne Marielle López Gaus / Alba Velázquez García; Nicolás Vázquez Ben / Adrián García Suárez; Daniela Lama Rodríguez / Carlota Rivas Corrales / Sheila Santana Rúa.

As cinco animações são o resultado das conclusões iconológicas e iconográficas alcançadas por estudantes da cadeira “Procesos de Animación Audiovisual II” (curso académico 2016-2018) do mestrado “Libro Ilustrado e Animación Audiovisual” (UVigo, coordenador: José Chavete Rodríguez). Trata-se de um projecto de colaboração e de investigação deste mestrado com a CJS que ainda está em curso, coordenado por Sol Alonso Romera & Fernando Suárez Cabeza.

### “O prémio Nobel de Saramago na imprensa galega”

Sala de exposições.

Vinte painéis que documentam a receção da notícia do prémio Nobel de Literatura a José Saramago nos principais jornais e revistas da Galiza nos dias 8, 9 e 15 de outubro de 1998.

Seleção das imagens e organização da exposição de Luísa da Costa Pina, com o apoio de Laura Carrillo.

### “José Saramago: 20 anos do Prémio Nobel”

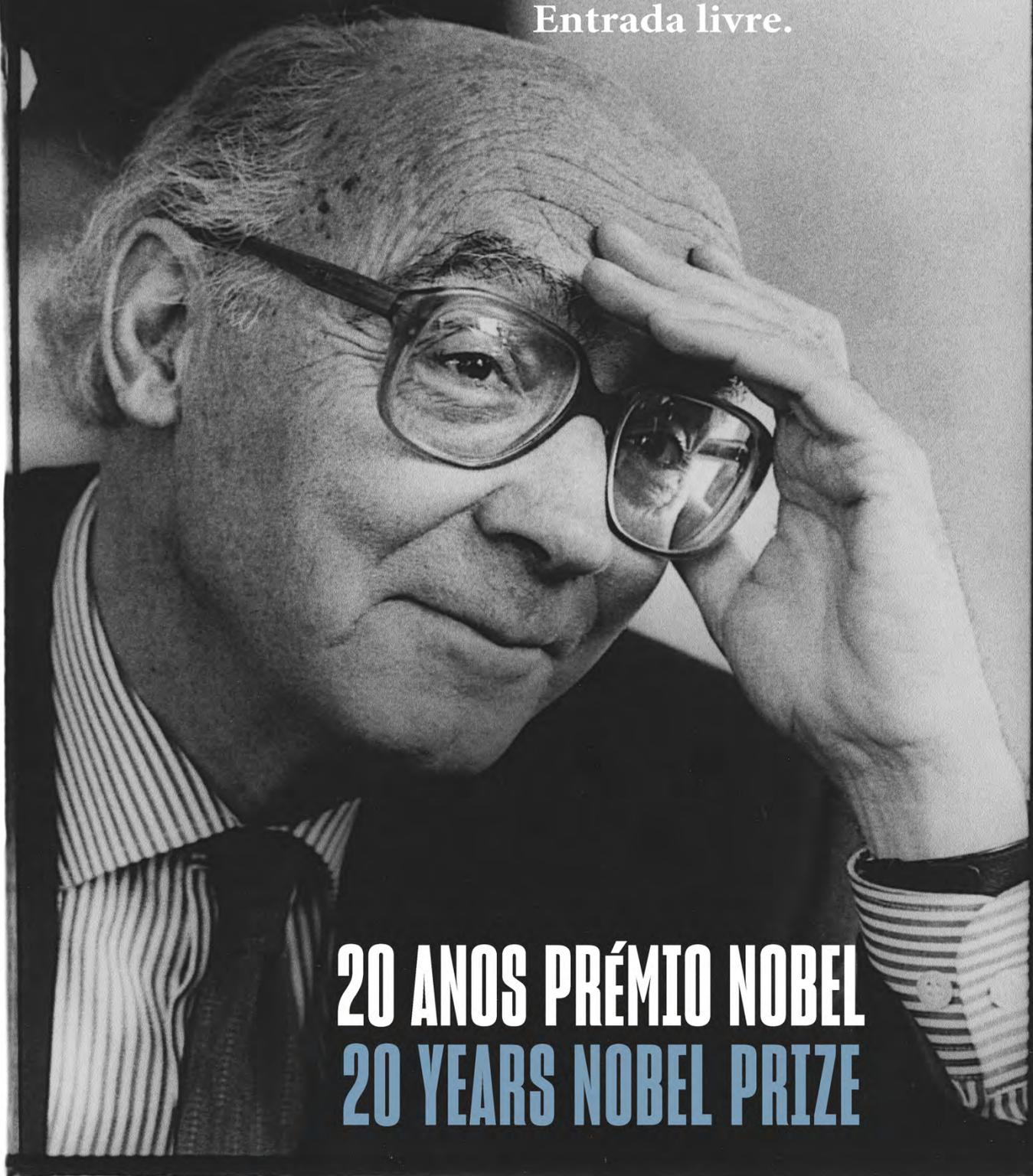
Sala de exposições.

Exposição composta por 22 painéis que documentam a história da concessão do prémio Nobel de Literatura a José Saramago e que são o resultado de uma parceria entre o Camões, I.P. e a Fundação José Saramago.

Fotografias: Estelle Valente; textos: Ricardo Viel; ilustrações: Gonçalo Viana.

# JOSÉ SARAMAGO

Sala de Exposições da  
Vicerreitoria do Campus  
de Pontevedra,  
Casa das Campás.  
3-5 de dezembro de 2018.  
9h-20h.  
Entrada livre.



20 ANOS PRÉMIO NOBEL  
20 YEARS NOBEL PRIZE

ROGÉLIO QUEIJAR

## Sobre a I Cátedra Internacional José Saramago

A I Cátedra Internacional José Saramago (CJS) nasceu de um protocolo de cooperação entre a Universidade de Vigo e a Fundação José Saramago, assinado no dia 27 de abril de 2015.

O primeiro objetivo da CJS é o estudo e a difusão da obra e do pensamento do autor de *Memorial do Convento*, Prémio Nobel da Literatura 1998. A escrita de um autor de dimensão universal como José Saramago pede abordagens que usem não só os procedimentos mais convencionais de análise literária, linguística, retórica ou histórica, mas também outros métodos interdisciplinares de estudo. Referimo-nos a aproximações que considerem as inter-relações entre literatura e autobiografia, direitos humanos, tradição oral, antropologia, filosofia, arte, infância, política, feminismo ou ecocrítica.

A matéria-prima da CJS é a escrita e as intervenções públicas de José Saramago. Ainda assim, não deixamos de ligar a CJS à promoção de outras atividades relacionadas quer com as literaturas e as culturas lusófonas atuais, quer com uma língua falada por mais de 200 milhões de pessoas em todo o mundo. As atividades da CJS partem da Galiza e do Norte de Portugal, sem excluir nunca a colaboração com outras geografias.

Até ao momento, a CJS promoveu a publicação dos livros “*O que transforma o mundo/é a necessidade e não a utopia*” *Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago* (Frank & Timme 2014, ed. de Burghard Baltrusch), *Nenhuma palavra é exata. Estudos sobre a obra de Valter Hugo Mãe* (Porto Editora, 2016, ed. de Carlos Nogueira) e *Per arte de foder. Cantigas de escárnio de temática sexual* (Frank & Timme, 2017), de Xosé Bieito Arias Freixedo.

Um dos objetivos principais das jornadas que a CJS organiza anualmente na altura do aniversário de José Saramago é a participação direta de estudantes da Universidade de Vigo, com uma componente simultaneamente didática, criativa e de cidadania, e tomando em consideração os três eixos da ação universitária: docência, investigação e atividades de extensão.

Todavia, a CJS também deseja contribuir para o desenvolvimento de ferramentas de apoio ao estudo da obra de José Saramago e da sua relação com temas de atualidade. Por isso, a CJS desenvolveu um projeto bibliográfico que visa reunir a totalidade da literatura crítica sobre a figura e a obra do Prémio Nobel de Literatura 1998 ([Bibliografia](#)).

Estas palavras de José Saramago, proferidas em 1987, sintetizam bem o espírito da CJS e das *Jornadas Internacionais José Saramago da Universidade de Vigo*:

*O ser humano não deve contentar-se com o papel do observador.  
Tem responsabilidade perante o mundo, tem de actuar, intervir.*



Visitem-nos em [catedrasaramago.webs.uvigo.gal](http://catedrasaramago.webs.uvigo.gal)!



## "A passarola"

Exposição de cinco obras de animação audiovisual sobre a passarola de *Memorial do Convento*, de José Saramago.

María Abal Blanco / Ruth Pérez Rodríguez; Laura Carrillo Neira / Bianca Anton Mihaela; Andrea Alonso Casado / Gels Caletrio Rubio / Sarah Espinosa / Yvonne Marielle López Gaus / Alba Velázquez García; Nicolás Vázquez Ben / Adrián García Suárez; Daniela Lama Rodríguez / Carlota Rivas Corrales / Sheila Santana Rúa.

Projecto de colaboración e de investigación do mestrado Libro Ilustrado e Animación Audiovisual com a CJS, coord. por Sol Alonso Romera & Fernando Suárez Cabeza.

© Fotografías cedidas por las autoras. Daniela Lama, Sheila Santana & Carlota Rivas; Yvonne López, Gels Caletrio, Sarah Espinosa, Andrea Alonso & Alba Velázquez (2017).



# A PASSAROLA

Exposição na Casa das Campás do 3-5 de dezembro de 2018

III Jornadas Internacionais José Saramago da Universidade de Vigo  
Saramago nos 20 anos do Prémio Nobel: Literatura, Arte e Política